

"ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS"

Sugestão de título abreviado para cabeçalho: "Estratégias de
Comunicação e Inclusão"

"Communication strategies in the inclusion of students with
special educational necessities."

"Estratégias de Comunicação na Inclusão de
Alunos com Necessidades Educacionais
Especiais"

Sugestão de título abreviado para cabeçalho: "Estratégias de
Comunicação e Inclusão"

"Communication strategies in the inclusion of students with
special educational necessities."

Autores:

- Prof^a. Dalva Goreth Brandão -Universidade Federal de Santa Maria/RS
- Prof^a. Dr^a. Luciana Erina Palma - Universidade Federal de Santa Maria/RS

O leitor poderá enviar correspondência a: Dalva Goreth Brandão, Rua Francisco Trevisan, nº 23, ap 302. Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Santa Maria - RS. Cep: 97050-230

E-mail: dalvagoreth@yahoo.com.br

Correspondência com o editor: dalvagoreth@yahoo.com.br e/ou lupalma@smail.ufsm.br

Telefone: (55) 8404-5692

RESUMO

“Estratégias de Comunicação na Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais”

Este trabalho teve como objetivo analisar as estratégias de comunicação utilizadas pelos professores de Educação Física (EF) para e em suas aulas com alunos incluídos, auxiliando na melhoria da qualidade de ensino de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE). Os participantes dessa pesquisa foram professores de Educação Física de Escolas Estaduais da rede pública de Santa Maria, que possuíam ANEE incluídos em classes normais. Foi utilizado como técnica de coleta de dados uma entrevista com roteiro com perguntas semi-estruturadas de acordo com GIL (1999), e baseada nos itens para elaboração de estratégias seguidos por PALMA (2004). Constatou-se que há muitos fatores que envolvem a inclusão e que as estratégias de comunicação são muito importantes para que isso ocorra. Por isso há uma necessidade urgente de analisar o que fazer para que as oportunidades sejam iguais para todos os alunos da Escola.

PALAVRAS CHAVE: Estratégias de Comunicação, Inclusão e Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

ABSTRACT

"Communication strategies in the inclusion of students with special educational necessities."

This paper aims to analyze the communication strategies used by Physical Education (PE) teachers to and in their classes with included students, helping in the improvement of the educational quality of students with special educational necessities (SSEN). The participants of this research were PE teachers of Public Schools in Santa Maria, who had special students in their regular classes. As data collect technique it was used an interview with semi structured questions according to GIL (1999), and based in items for elaboration of strategies followed by PALMA (2004). I noticed that there are many factors which evolve the inclusion and that the communication strategies are very important for that to occur. That is why there is an urgent necessity to analyze what to do so that the opportunities will be the same for all students in the school.

KEY WORDS - communication strategies, inclusion and students with special educational necessities.

Introdução

Atualmente os professores de Educação Física (EF) estão se deparando com uma realidade um pouco diferente com a qual se deparavam até então para desenvolver sua disciplina na escola, o que vem exigindo uma melhor e maior qualificação profissional dos mesmos.

As escolas, em consonância com a lei, estão oferecendo vagas para Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE), porém baseado na pesquisa que realizei vejo que a média é de um até dois alunos por turma. Mas minha maior preocupação é se os profissionais estão conduzindo as aulas de EF de forma a incluir ou excluir esses alunos na classe normal. Será que as estratégias de comunicação do professor de EF estão contribuindo para que esses alunos sejam realmente incluídos em classes normais?

Não basta colocar ANEE dentro de salas de aula, é preciso "negociar" constantemente com os pais e com todos os recursos humanos da escola pois será necessário implementar modificações na gestão, na organização, no equipamento e nas atitudes. Assim como coloca Mantoan (1997, p.120):

"a inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas praticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma conseqüência natural de todo um esforço de atualização e de

reestruturação das condições atuais do ensino básico."

A Escola deve oferecer ao aluno o máximo de desenvolvimento (mesmo dentro de suas limitações), auxiliando-o para que se torne menos dependente nas tarefas do seu dia-a-dia e estimulando seu desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e motor. Faz-se necessário que o ANEE tenha a possibilidade de usufruir de um ensino apropriado e de qualidade, onde ele participará ativamente das aulas junto aos colegas e professores.

Creemos que não seja muito fácil, pois iremos nos deparar também com o preconceito, seja por parte dos pais ou até mesmo dos colegas; com as dificuldades em elaborar estratégias de comunicação quase que geniais para atrair a atenção dos demais alunos, para que os ANEE realmente consigam realizar as atividades propostas e ao mesmo tempo para que todos esses alunos se integrem.

Faz-se necessário também que o professor leve sempre em consideração os limites de cada aluno e também a individualidade de cada um, tanto dos alunos com deficiência quanto dos sem deficiência.

Rodrigues (2005) questiona que se a sociedade está longe de ser inclusiva, poderá ser a escola uma ilha de inclusão num mar de exclusão? E salienta para que se reflita sobre o

que é, em termos curriculares, psicológicos e sociais, estar incluído na escola. Estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de presença entre a escola e a criança, isto é, o jovem deve sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele.

Segundo o Senso Demográfico (IBGE, 2000) 14,5% da população brasileira (24.5 milhões de pessoas) tem algum tipo de deficiência; sendo que a pessoa pode ter nascido com alguma deficiência ou ter adquirido, e essa deficiência pode ser de caráter permanente ou transitório.

Isso é uma realidade que cresce diariamente exigindo dos professores uma melhor qualificação profissional. A própria Declaração de Salamanca (1994) partiu do pressuposto que (1994, p.09):

"As escolas regulares com orientação para a educação inclusiva, são o meio mais eficaz no combate as atitudes discriminatórias, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades integradas, base da construção da sociedade inclusiva e obtenção de uma real educação para todos."

Teve como objetivo fundamental apontar que (1994, p.11):

"A escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo - respondendo as necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades."

Por sabermos de todas as dificuldades e necessidades que essa população sofre e da perspectiva de vida que podem atingir é que esse estudo foi desenvolvido; a fim de podermos contribuir significativamente com as pessoas com necessidades educacionais especiais e conseqüentemente auxiliar os professores de EF para futuras atuações em escolas normais com alunos incluídos.

Para Stobaüs & Mosquera (2003, p.29) "a sustentação de um projeto escolar inclusivo implica necessariamente mudanças em propostas educacionais da maioria das escolas e em organização curricular idealizada e executada pelos seus professores, alunos e todos os interessados em educação, na comunidade em que a escola se insere".

Também acreditamos que para termos uma escola que possa incluir o ANEE, é preciso também cuidar das barreiras arquitetônicas, pois de nada adianta o deficiente estar preparado para ser incluído se as próprias barreiras arquitetônicas o impedem de chegar à escola.

A nossa sociedade possui muitas diferenças sociais e culturais e a escola é o ponto de partida para diminuir essas diferenças, pois através da educação poderemos formar pessoas melhores e trabalhar mais o preconceito, dentro da visão de mundo de cada um; fortalecendo valores humanos de cidadania, tais como: respeito, solidariedade, companheirismo, auxílio...; e mostrando para os alunos normais o quanto eles tendem a ganhar com o convívio com os ANEE. Ganham diminuindo o preconceito da sociedade, aprendendo a respeitar as diferenças e formando cidadãos melhores.

Então se faz necessário deixar claro que todos somos diferentes e que primeiro precisamos reconhecer isso e admitir nossas dificuldades.

Para Oliveira (2002) o papel de uma Educação Inclusiva nos faz refletir que é possível, mas é preciso querer e estar disposto a modificar a concepção de sociedade e a nossa própria forma de ver o mundo.

Segundo Bos e Vaughn (1994), Clark, Dyson & Millward (1998) apud Stobäus & Mosquera (2003, p.41):

"O termo inclusão parece não oferecer dúvidas, literalmente significa ação ou resultado de incluir, de envolver, de abranger, de fechar, de encerrar, de introduzir, de inserir, dentro de alguma coisa. Conseqüentemente, e por simples analogia, a educação inclusiva significa assegurar a todos os estudantes, sem exceção, independentemente da sua origem sócio-cultural e da sua evolução psicobiológica, a igualdade de oportunidades educativas, para que, desse modo possam usufruir de serviços educativos de qualidade, conjuntamente com outros apoios complementares, e possam beneficiar-se igualmente da sua integração em classes etariamente adequadas perto da sua residência, com o objetivo de serem preparados para uma vida futura, o mais independente e produtiva possível, como membros de pleno direito da sociedade."

Acreditamos que a inclusão implica toda uma reforma na organização e funcionamento dos serviços destinados aos ANEE. O contexto da classe normal transforma-se no lugar central das aprendizagens e de ensino, sendo o professor responsável pela organização do ensino a fim de facilitar as interações sociais em torno das tarefas cognitivas e de trabalhar com os alunos.

Para Guimarães (2001) a comunicação é a mola propulsora do crescimento individual de todo ser humano. É por meio da

comunicação que nos compreendemos, que nos descobrimos. Através dela conseguimos ampliar nossos horizontes, transformar nosso interior, crescer em humanidade. Tentamos mudar para melhor nossa existência e a sociedade em que vivemos.

Para Moran (1998, pg. 16) "na comunicação verificamos e expressamos nossas percepções, sentimentos, visões de mundo; nossas e dos outros. Aonde nos vemos através do olhar do outro, da percepção do outro, de como ele nos devolve a resposta à nossa aproximação".

Vemos a comunicação como elo para nos expressarmos, falar o que pensamos e expor nossas opiniões, em uma troca mútua com o outro; aumentando nosso convívio social e interagindo efetivamente nos grupos da nossa sociedade.

Consideramos a comunicação responsável pela interação entre as pessoas, e quanto maior for essa interação mais úteis essas pessoas irão se sentir em seu meio, em suas relações.

Para Servat (2004) as estratégias de comunicação são as mudanças e os acontecimentos com componentes imprevisíveis, pouco rotineiros ou repetitivos que ocorrem "no caminho transcorrido" entre a explicação e a realização da atividade, para um melhor entendimento e compreensão, visando alcançar os objetivos.

Segundo Bordenave e Pereira (1980) para o traçado da estratégia didática, dois conceitos são essenciais: os de experiências de aprendizagem e atividades de ensino-aprendizagem. Para realizar seus objetivos, necessita o professor conseguir que os alunos se exponham, ou vivam, certas experiências, capazes de neles induzir as mudanças desejadas.

Com isso percebemos que o professor deverá sempre procurar saber sobre a vida e o cotidiano de seus alunos, para poder trabalhar com suas experiências, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Palma (2004, p.66):

"considera que para se ter sucesso no empreendimento e na elaboração das estratégias de comunicação, será necessário responder os seguintes itens: quem = para quem ou quem receberá/vivenciará estas estratégias; porque = necessidade de criar as estratégias e porque para estes indivíduos/grupos; quando e onde = deverão acontecer as estratégias; quem = será o responsável de tornar efetivas as estratégias; o que = deverá ser feito como estratégia; qual = os objetivos de criar estratégias e para entender/alcançar qual objetivo; ambiente = em um ambiente de comunicação que se propicia a criação de estratégias, se propicia a interação para a efetiva consecução das estratégias e dos objetivos."

Compreende-se que estratégia de comunicação na EF é o que utilizamos para fazer a aula; seja na hora de elaborar os planos de aula ou no momento em que se faz necessário a improvisação ou na aula como um todo.

Metodologia

Grupo de Estudos

Participaram do estudo 3 professores da rede pública Estadual de Santa Maria, que ministravam aulas de EF para alunos com deficiência incluídos em classes normais do ensino fundamental, sendo: 1 professor de EF da Escola denominada Escola A, da segunda série de ensino fundamental, com um aluno com Síndrome de Down e outro aluno da quarta série de ensino fundamental que possui Deficiência Mental Leve; 1 professor da Escola denominada Escola B, da oitava série de ensino fundamental, com um aluno com Autismo e 1 professor da Escola denominada Escola C, com um aluno com Lesão Cerebelar.

Procedimentos Metodológicos

Foram enviados ofícios às Escolas, pedindo permissão para realização das entrevistas com os professores de EF das turmas com ANEE.

Durante as entrevistas com os professores de EF a atenção estava voltada para confirmar quais as estratégias que esses utilizavam para e em suas aulas, e se eles estavam conseguindo incluir o ANEE.

Instrumentos de Coleta de Dados

Roteiro de Entrevista semi-estruturada de acordo com Gil (1999, p. 11) e baseado nos itens para elaboração de estratégias sugeridos por Palma (2004), totalizando 16 perguntas.

Apresentação e Análise dos Resultados

ESCOLA A

Na Escola A, a professora entrevistada entende estratégias de comunicação como "aquilo que ela utiliza para se fazer entender pelo aluno".

Para Bordenave (2002) a comunicação é tão simples e corriqueira que está presente no estádio de futebol, na Câmara dos Deputados, na feira livre e na reunião familiar, ou seja, em todos os lugares nos cercando em nosso cotidiano.

Essa professora já trabalhou com vários alunos com deficiência, sempre usou de demonstração das atividades propostas, utilizando o apito e manuseio dos alunos.

Ela considera que elaborando estratégias pode-se ter a noção do todo, percebendo as diferenças. Percebe-se então a importância das estratégias de comunicação, pois elas são utilizadas durante a aula em todos os momentos em que surgem dificuldades na turma.

Na elaboração do seu plano de aula as estratégias de comunicação são utilizadas no início, meio e fim, principalmente na parte prática da aula e no início para dar ênfase as bases psicomotoras.

O objetivo de se utilizar as estratégias de comunicação é para facilitar, dinamizar e ganhar tempo. As estratégias de comunicação poderão ajudar principalmente aos professores, que terão que adaptar suas aulas e atividades, para incluir os ANEE; tendo muitas vezes que improvisar atividades para que os alunos sem deficiência não excluam o ANEE das tarefas, e principalmente para que este não desestimore diante das dificuldades encontradas em aula.

Na elaboração do plano de aula as estratégias são utilizadas para a turma, sem considerar o ANEE e sem fazer adaptações nas atividades. Ela percebe a necessidade de utilizar estratégias para alcançar os objetivos propostos, para facilitar o andamento das atividades.

A professora considera importante criar novas estratégias de acordo com as necessidades da turma no decorrer da aula e para atingir os objetivos, que é o da criança evoluir no seu desenvolvimento motor e que o ANEE também participe da aula; porém a participação do ANEE deve partir dele.

Durante a aula há a necessidade de que tanto a professora crie novas estratégias, para que a turma não disperse quanto , quanto os alunos também criem estratégias, para que seja estimulada sua participação em aula.

As estratégias ocorrem somente nas aulas práticas porque não há aulas teóricas, devido a resistência encontrada nos alunos quanto as aulas teóricas.

Na opinião da professora há um ambiente ideal para ocorrer uma interação entre as estratégias e os objetivos propostos no plano de aula, que é um ginásio. Ressalta também que a estrutura da escola em relação às aulas práticas de EF é muito precária e sem proteção contra o sol.

A professora afirma que não faz a inclusão com intenção, elabora o plano de aula para toda a turma e a inclusão acaba partindo deles próprios.

Com isso percebemos que o que os alunos integram o ANEE, e normalmente quando os professores percebem que eles estão

envolvidos com os colegas e as atividades acabam deixando-o fazer o que quiser, como se o mantivesse ocupado por um tempo.

A professora acredita que com as estratégias de comunicação utilizadas por ela, ocorre a inclusão, pois através disso os alunos e o ANEE participam da aula. Ressaltando que estratégias de comunicação para a professora entrevistada é "aquilo que ela utiliza para se fazer entender pelos alunos".

A inclusão de ANEE é um tema muito amplo e envolve diversos setores como: sociedade, escola, pais, ANEE, alunos normais, professores... e diversos valores como: cidadania, preconceito, caráter.. Fazendo-se necessário que haja uma interação entre todos para que através das estratégias de comunicação possam chegar a um objetivo efetivo.

Ela considera que em sua aula ocorre a inclusão, mas deixa bem claro que não faz por intenção e que os colegas acabam ajudando o ANEE a se incluir na turma. Ela acredita que as estratégias facilitam a participação do ANEE em aula, e que sua assiduidade e participação por vontade própria é ponto principal para que ocorra sua inclusão. Porém quando o aluno não está a fim ou não consegue realizar uma determinada

atividade ela o deixa livre, para escolher o que pretende fazer. E isso demonstra exclusão.

Oliveira (2002) e Stobäus & Mosquera (2003) consideram que o papel de uma Educação Inclusiva deve nos fazer refletir que a inclusão é possível, mas é preciso querer e estar disposto a modificar a concepção de sociedade e a nossa própria forma de ver o mundo. Sendo que a sustentação de um projeto escolar inclusivo implica necessariamente mudanças em propostas educacionais da maioria das escolas e em organização curricular idealizada e executada pelos seus professores, diretores, pais, alunos e todos os interessados em educação, na comunidade em que a escola se insere.

Essa professora trabalha apenas com integração, porque fica bem claro que ela apenas o insere na aula, e a sua participação ocorre principalmente porque ele já estava preparado.

Essa diferença entre integração e inclusão fica bem clara quando Jover (1999) nos diz que a integração significa a inserção da pessoa deficiente preparada para conviver na sociedade e a inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania, sendo necessário preparar a escola para incluir nela o aluno especial, e não o contrário. Sem esquecer de construir rampas de acesso,

toaletes especiais e salas mais espaçosas onde os deficientes se sentam na primeira fila.

Ela acredita que a inclusão é uma "teoria muito bonita" mas que na prática é bem difícil; principalmente quanto a falta de preparo dos professores, falta de recursos e também pela turma.

ESCOLA B

Na Escola B, o professor entrevistado entende estratégias de comunicação como o uso da voz, uso das demarcações de pontos de referências (com cones, linhas...), uso de gestos.

Suas experiências com estratégias e ANEE se resumem a época do seu estágio profissionalizante do curso de graduação e dois alunos desta mesma escola.

Na elaboração do plano de aula as estratégias são consideradas, mas o que realmente ajuda é o relacionamento com os colegas. Acredita também que o professor pode utilizar sua criatividade e elaborar estratégias durante as atividades com o objetivo de atingir a todos os alunos, principalmente o ANEE.

As estratégias são importantes elaboradas para toda a turma com o intuito de alcançar os objetivos propostos no

plano de aula, pois muitas vezes do contrário o professor não conseguiria fazer com que o ANEE tivesse uma participação satisfatória e significativa.

A importância de se criar novas estratégias é muito grande em função de se atingir o objetivo da aula e poder passar para todos o mesmo conteúdo.

Por isso a necessidade de criar novas estratégias, também durante a aula para estimular a criatividade dos alunos.

O professor também proporciona espaço em sua aula para que os alunos criem estratégias, isso ocorre na maioria das vezes na hora do jogo, no momento de tomada de decisões.

As estratégias ocorrem nas aulas práticas e também nas aulas teóricas, ou seja em todos momentos; sendo utilizadas com mais ênfase na parte principal da aula, no momento da exploração dos objetivos propostos no plano de aula.

Na opinião do professor não há um ambiente ideal para que ocorra a interação entre as estratégias e os objetivos, propostos no seu plano de aula. Um espaço livre e aberto seria melhor, mas o que importa sim é que a aula seja sempre motivada, estimule o lado afetivo e que o professor consiga passar isso para os alunos. As aulas dessa escola acontecem em um ginásio.

Na elaboração do plano de aula o professor se preocupa com a inclusão dos ANEE e foi possível perceber através da entrevista, que esse professor realmente propicia a inclusão; devido a sua preocupação com o ANEE quanto aos valores a serem transmitidos e ao fato de ele se preparar constantemente, sempre em busca de novidades para incluir o ANEE. Esse professor utiliza estratégias muito interessantes em suas aulas, como: adaptação de materiais, fortalecimento de valores entre a turma. Ele vê as aulas de EF mais pelo lado humano e solidário e não de rendimento.

Os colegas do ANEE também propiciam para que ocorra a inclusão nas aulas de EF, mas o mais importante é o papel do professor, que é responsável por transmitir conteúdos e valores para toda a turma.

Utilizando-se das estratégias de comunicação o professor considera que ele realiza a inclusão em suas aulas, porque seu ANEE sempre faz as aulas de EF, demonstra gostar, participa das atividades e sente prazer em estar nas aulas de EF.

ESCOLA C

Na Escola C a professora entrevistada entende estratégias de comunicação como a linguagem, a clareza, o reforço e as repetições.

As experiências desta professora com ANEE foram apenas com esse aluno, com lesão cerebelar, para quem ela está ministrando aula nesse momento.

Ela considera possível elaborar estratégias em aulas, durante as atividades. A professora quando elabora o seu plano de aula considera as estratégias de comunicação.

Na sua opinião o objetivo de se ter ou montar estratégias é visar o desenvolvimento do ANEE, e na elaboração do seu plano de aula as estratégias de comunicação são utilizadas para toda a turma, colocando o ANEE como ouvinte, secretário e ajudante. Pois a professora pensa que se o ANEE tiver uma função, irá se considerar importante.

Segundo ela é muito importante utilizar estratégias, porque se não tiver algo diferente a aula vira rotina, perdendo motivação e entusiasmo.

De acordo com a professora é muito importante criar novas estratégias para que se busque o desconhecido, algo diferente que de resultado e não deixe a aula virar rotina.

Durante a aula a professora também cria estratégias, para que isso possa motivar a turma e o ANEE.

A professora afirma que ela também incentiva os alunos da turma a criarem novas estratégias, mas ela afirma que eles não são muito criativos, e como ela possui espírito de liderança apenas ela acaba assumindo este papel de criar estratégias. As estratégias são utilizadas durante toda a aula.

Ocorrendo somente em aulas práticas, pois não há aulas teóricas porque os alunos querem estar sempre em movimento. E nos dias de chuva os alunos trabalham com jogos de mesa e memória em uma sala de aula.

O ANEE participa das aulas que ele consegue de todas as aulas, mas nas atividades mais dinâmicas a professora adapta algumas atividades separadas para ele, por exemplo, durante o jogo de basquete ela fica no canto quicando a bola com ele.

Oliveira (2002, p.03) "reforça a idéia dos benefícios que todos terão com a inclusão, quando fala que "a educação inclusiva levará a transformação da representação da criança e do jovem sobre deficiência, pois educando e crescendo junto aos "deficientes", compreenderá a heterogeneidade, já que o trabalho é sempre voltado para a homogeneidade".

Na opinião da professora o ambiente e os materiais apropriados influenciam, para que ocorra uma melhor interação entre as estratégias e os objetivos propostos no plano de aula. As aulas de EF nessa Escola acontecem num parque, então a professora perde muito tempo da aula para que ocorra o deslocamento da turma, tanto na ida, quanto na volta.

A professora afirma que na elaboração do seu plano de aula ela propicia a inclusão dos ANEE.

Ela afirma também que 70% da inclusão ocorre devido aos colegas da turma, que o aceitam bem e o incentivam a participar das atividades. Então percebo que é muito importante a aceitação dos colegas da turma, pois não ocorrendo o preconceito a aula fluirá de maneira natural, mesmo assim o que ocorre nessa turma também é a integração. A professora imagina que inclui o ANEE porém ela mesmo relata que em muitas aulas ele fica segregado da turma, fazendo atividades apenas com ela.

Segundo a professora as estratégias de comunicação auxiliam a inclusão porque ela percebe que ele sente que é feliz, e se não houver estratégias sendo a aula simplesmente montada sem espaços para mudanças e improvisações, o ANEE para devido as dificuldades e falta de motivação.

Semelhanças e Diferenças entre as Entrevistas

Dos 3 professores entrevistados: uma não inclui os ANEE e confirma isso, outro inclui e está sempre procurando com outras alternativas e a terceira não inclui e pensa que inclui.

As estratégias de comunicação que os professores entrevistados utilizaram foram: explicação das atividades no início das aulas (comunicação verbal); demonstração antes e durante as atividades (comunicação não-verbal); estímulo do professor para que os colegas auxiliem também os ANEE; adaptações de materiais; adaptações atividades; reforços positivos e de incentivos aos ANEE; interação entre professor/ANEE e colegas/ANEE; improvisações; explicações das atividades para toda a turma e se necessário de forma individual para o ANEE; agiram naturalmente com todos os alunos da turma; trabalharam de forma individual quando necessário; procuravam conhecer tudo sobre o aluno (também referente a família); respeitavam a individualidade de cada um e a diversidade da turma.

Essas estratégias foram utilizadas em grande parte pelo segundo entrevistado, e os demais professores utilizavam apenas algumas. Isso denota então porque apenas o segundo professor consegue incluir os ANEE; pois com essas estratégias ele consegue sanar as dificuldades dos alunos e

inovar sempre sem deixar que as aulas com ANEE fiquem maçantes para o restante da turma. Já os outros dois entrevistados o que falta muito é persistência e busca de conhecimento mais aprofundado.

Nas primeira e na terceira entrevistas percebeu-se que os professores sentem muita dificuldades em trabalhar com alunos com a deficiência, o que acaba fazendo com que esses deixem os ANEE de lado em muitas aulas. Os professores costumam dizer: "quando esse aluno não consegue realizar uma determinada atividade em aula, o deixo fazendo outra coisa, que ele goste, no cantinho". Os professores acham que mantendo os ANEE ocupados eles estão participando das aulas e consideram difícil a tarefa de fazê-los participarem de toda a aula, pois a própria turma as vezes, principalmente nos jogos, não se dispõe a adaptar a aula toda, julgando isso como perda de tempo na aula. Daí entra o papel do professor de parar a turma e ensinar valores de cidadania, solidariedade, auxílio.

Os professores entrevistados percebem as estratégias de comunicação mais quanto ao modo de se comunicar com a turma e com o ANEE, de uma forma mais verbal e associam bastante as estratégias quanto a criatividade do professor em inovar e trazer sempre elementos diferentes para suas aulas.

As estratégias utilizadas pelos professores de EF para suas aulas são referentes ao momento da elaboração do plano de aula, e em suas aulas se referem a parte prática, direcionando as atividades a toda turma e as adaptações para aos ANEE, mesmo assim não é sempre que as adaptações ocorrem.

Nota-se que os professores tem um conhecimento superficial sobre inclusão confundindo-o várias vezes com integração, porém não há uma preocupação em aprofundar esse conhecimento. Apenas argumentam: "temos turmas grandes, espaço pequeno e precário e nem todos da turma trabalha bem esse preconceito... Há inclusive alunos que se recusam a fazer as atividades propostas com os ANEE, alegando, por exemplo, que se jogarem no mesmo time seu time irá perder".

As aulas da primeira entrevista não possuem adaptações para ANEE, são planejadas para toda a turma e os colegas são quem incluem esse aluno, ou ele próprio tenta participar, até a parte da aula em que conseguem.

As aulas da segunda entrevista possuem diversas adaptações, tanto nas atividades, quanto nos materiais.

Já as aulas da terceira entrevista possui adaptações excludentes, pois o aluno fica com a professora separado da turma.

Com isso percebemos que os professores da primeira e terceira Escola fazem seus planos de aula preocupados apenas

com resultados motores satisfatórios e em chegar ao objetivo final, que é a soma maior de pontos nos jogos.

Considerações Finais

Conclui-se que há muitos fatores que envolvem a inclusão dos ANEE, que realmente não é fácil e que falta preparação adequada dos professores.

Para realmente ocorrer alguma mudança é necessário a conscientização de todos os envolvidos neste processo de inclusão: a escola, a família, o governo, as políticas públicas para a educação-formação, os recursos orçamentários e a sociedade.

Para Servat (2004, p.22) "a modificação da sociedade excludente em que vivemos e, nessa sociedade está incluída a escola, dependerá da interação e convivência de alunos com Necessidades educacionais especiais (ANEE) com os demais alunos. A escola pode ser considerada uma parcela pequena da sociedade, mas tem papel fundamental na modificação da sociedade, já que é nela que são formadas as idéias de respeito às diferenças e de convivência em sociedade".

Nada é fácil, quanto mais para as pessoas que possuem alguma deficiência, por isso acredito que a chave para a inclusão seja a educação. Pois através da educação é possível chegar as escolas, às famílias, aos meios de comunicação...

Pedrinelli (2002) nos diz que o professor deverá planejar as atividades de forma que o aluno possa participar o máximo possível. Por isso na elaboração das atividades o professor deverá montar as estratégias que utilizará durante a explicação e a realização dos exercícios, e estar preparado para improvisar nos momentos em que seus alunos apresentarem dificuldades.

É aí que entram as estratégias de comunicação, pois com esse estudo percebo a importância de se ter estratégias para as aulas de EF com alunos incluídos. Os professores precisam estar em uma busca constante de conhecimento, sobre cada deficiência e as adaptações que serão necessárias em suas aulas, é preciso sempre ter "carta na manga".

Percebemos que para a inclusão se efetivar precisamos contar com a participação de diversos profissionais, saber mais sobre a vida dos alunos; conhecê-los melhor, desde suas características comportamentais e até mesmo emocionais.

Acreditamos que o governo, a escola, os professores e os pais deveriam se unir para achar uma solução mais adequada; seja com cursos de aperfeiçoamento, capacitação continuada ou em melhora de condições dos espaços. Deveriam rever e analisar tudo o que realmente envolve a inclusão.

Referências Bibliográficas

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação?** São Paulo: Nova Cultura Brasiliense, 1986.

CARVALHO, R.E. **A Nova LDB e a Educação Especial.** 2 ed. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GULART, L. F. **As formas de comunicação e o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em aulas de educação física escolar.** Monografia de Especialização UFSM - Santa Maria, 2004.

JOVER, A. **Revista Nova Escola.** 1999

MANTOAN, M. T. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** Editora SENAC. - São Paulo, 1997.

MORAN, J. M . **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoas, social e tecnológica.** Editora paulinas. - São Paulo: 1998.

OLIVEIRA, F. F. **Dialogando sobre a inclusão, Educação Física e inclusão escolar.** Revista digital - Buenos Aires, 2002.

PALMA, L. E. **Comunicação: fundamento para a mediação pedagógica em Educação Física para alunos com necessidades**

educacionais especiais, Santa Maria.RS. Tese de Doutorado, UFSM/2004.

PEDRINELLI, V. J. **Possibilidades na Diferença: O processo de "Inclusão" de todos nós**. Revista INTEGRAÇÃO - Educação Física Adaptada. Ministério da Educação - Secretaria da Educação Especial. Ano 14 - Edição Especial/2002.

SASSAKI, R. K. **Construindo uma Sociedade para Todos**. 3 ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

STOBÄUS, C. D. & MOSQUERA, J. J. **Educação Especial: em direção à Educação Inclusiva**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SERVAT, D. R. **Professor de Educação Física e Aluno com Necessidades Educacionais Especiais: as Formas e as Estratégias de Comunicação utilizadas em aulas**. Monografia de Especialização UFSM - Santa Maria, 2004.

SORAIA, F.; RODRIGUES, D. & KREBS, R. (orgs). **Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

Winnick, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**; Tradução [da 3ª ed. Original] de Fernando Augusto Lopes. - Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

ANEXO

(Normas para publicação na Revista SOBAMA)

Normas para Publicação da Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (Sobama)

I. Tipos de colaboração aceitos pela revista da Sobama

Trabalhos originais relacionados à área de atividade motora adaptada que se enquadrem nas seguintes categorias:

1. Relato de pesquisa: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia científica.
2. Estudo teórico: análise de construtos teóricos, levando ao questionamento de modelos existentes e à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas.
3. Relato de experiência profissional: estudo de caso, contendo análise de implicações conceituais, ou descrição de procedimentos ou estratégias de intervenção, contendo evidência metodologicamente apropriada de avaliação de eficácia, de interesse para a atuação de profissionais em áreas afins.
4. Revisão crítica da literatura: análise de um corpo abrangente de investigação, relativa a assuntos de interesse para o desenvolvimento da área de atividade motora adaptada.
5. Comunicação breve: relato de pesquisa sucinto, mas completo, de uma investigação específica. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
6. Ponto de Vista: Temas de relevância para o conhecimento pedagógico, científico, universitário ou profissional, apresentados na forma de comentários que favoreçam novas idéias ou perspectivas sobre o assunto. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
7. Carta ao Editor: avaliação crítica de artigo publicado na revista da Sobama ou resposta de autores à crítica formulada a artigo de sua autoria. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.
8. Nota técnica: descrição de instrumentos e técnicas originais de pesquisa. Limitado a 12 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

9. Resenha: revisão crítica de obra recém publicada, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais. Limitado a 6 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

Poderá também ser publicada, a critério do editor:

10. Notícia: divulgação de fato ou evento de conteúdo relacionado à área de atividade motora adaptada, não sendo exigidas originalidade e exclusividade na publicação. Limitado a 6 páginas espaço duplo conforme especificações do item III.

II. Apreciação pelo conselho editorial

O manuscrito - nas categorias 1 a 8 - é aceito para análise pressupondo-se que: (a) o mesmo não foi publicado e nem está sendo submetido para publicação em outro periódico; (b) todas as pessoas listadas como autores aprovaram o seu encaminhamento à revista da Sobama; (c) qualquer pessoa citada como fonte de comunicação pessoal aprovou a citação.

Os trabalhos enviados serão apreciados pelo editor-chefe e pelos editores associados especialistas nas áreas afins, que deverão fazer uso de consultores *ad hoc*. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus manuscritos. Os manuscritos, mesmo quando rejeitados, não serão devolvidos.

Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pelo editor-chefe ou pelos editores associados. Quando estes julgarem necessárias modificações substanciais, o(s) autor(es) será(ão) notificado(s) e encarregado(s) de fazê-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de duas semanas. Manuscritos re-submetidos depois do prazo de seis meses do envio do último resultado da análise pelos consultores não serão considerados para continuidade do processo de revisão. Neste caso, serão considerados como uma submissão nova e um novo processo de avaliação será reiniciado.

III. Forma de apresentação dos manuscritos

A revista da Sobama adota as normas de publicação da APA (American Psychological Association), exceto em situações específicas onde há conflito com a necessidade de se assegurar o cumprimento da revisão cega por pares, regras do uso da língua portuguesa, normas gerais da ABNT, procedimentos internos da revista, inclusive características de infra-estrutura operacional. Os manuscritos devem ser redigidos em português. Excepcionalmente, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão poderão ser aceitos, a critério dos editores.

Os manuscritos originais deverão ser encaminhados em quatro cópias—sendo uma cópia com identificação completa dos autores e três cópias sem identificação—digitados em espaço duplo, fonte tipo Courier, tamanho 12, não excedendo, quando for o caso, o número de páginas apropriado de cada categoria em que o manuscrito se insere. A página deverá ser tamanho carta, com formatação de margens superior e inferior no mínimo de 2,5 cm, esquerda e direita no mínimo de 3 cm.

Obs. geral: Nunca utilize caixa alta em palavras inteiras (exemplo: ATIVIDADE MOTORA) em nenhuma etapa do manuscrito. Utilize, quando apropriado, apenas a inicial em caixa alta (exemplo: Atividade Motora).

A apresentação dos trabalhos deve seguir a seguinte ordem:

1. Folha de rosto despersonalizada contendo apenas:
 - 1.1. Título sem abreviações, em português, não devendo exceder 10 palavras.
 - 1.2. Sugestão de título abreviado para cabeçalho, não devendo exceder 4 palavras.
 - 1.3. Título sem abreviações, em inglês, compatível com o título em português.
2. Folha de rosto personalizada contendo:
 - 2.1. Mesma informação dos itens 1.1; 1.2 e 1.3. acima.

2.2. Nome de cada autor, seguido por uma afiliação institucional apenas e por extenso por ocasião da submissão do trabalho.

2.3. Indicação do autor a quem o leitor do artigo deve enviar correspondência, seguido de endereço completo, de acordo com as normas do correio. Se disponível, o endereço eletrônico deve também ser indicado.

2.4. Indicação de endereço para correspondência com o editor sobre a tramitação do manuscrito, incluindo fax, telefone e, se disponível, endereço eletrônico.

3. Folha contendo o Resumo, em português.

O resumo deve ter no máximo 150 palavras para manuscritos na categoria 1, e 100 palavras para manuscritos nas categorias 2, 3, 4 e 5. As demais categorias não admitem resumo. Ao resumo devem-se seguir 3 a 5 palavras-chave para fins de indexação do trabalho.

No caso de relato de pesquisa, o resumo deve incluir: descrição sumária do problema investigado, características pertinentes da amostra, método utilizado para a coleta de dados, resultados e conclusões, suas implicações ou aplicações.

4. Folha contendo o abstract (resumo em inglês), compatível com o texto do resumo em português. O abstract deve obedecer às mesmas especificações para a versão em português, seguido de key words (palavras-chave em inglês), compatíveis com as palavras-chave em português.

5. Texto propriamente dito.

Em todas as categorias de trabalho original, o texto deve ter uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por um sistema de títulos e subtítulos que reflitam esta organização. No caso de relatos de pesquisa o texto deverá, obrigatoriamente, apresentar: introdução, metodologia, resultados e discussão. Uma citação literal com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 5 espaços da margem, na mesma posição de um novo parágrafo. O tamanho da fonte deve ser 12, como no restante do texto.

6. Referências, ordenadas de acordo com as regras gerais que se seguem. O formato da lista de referências deve ser apropriado à tarefa de revisão e de editoração apresentando além de espaço duplo e tamanho de fonte 12, parágrafo normal com recuo apenas na primeira linha, sem deslocamento das margens seguintes

IV. Tipos comuns de citação no texto

Citação de artigo de autoria múltipla

1. Dois autores. O sobrenome dos autores é explicitado em todas as citações, usando e ou & conforme abaixo:

"O método proposto por Ulrich e Thelen (1979)" ou "Este método foi inicialmente proposto para o estudo da marcha automática (Ulrich & Thelen, 1979)"

2. De três a cinco autores. O sobrenome de todos os autores é explicitado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só o sobrenome do primeiro autor é explicitado, seguido de "et al." e o ano, se for a primeira citação de uma referência dentro de um mesmo parágrafo:

"Mattos, Lima e Teixeira (1994) verificaram que..." [primeira citação no texto];

"Mattos et al. (1994) verificaram que..." [citação subsequente, primeira no parágrafo];

"Mattos et al. Verificaram..." [omite o ano em citações subsequentes dentro de um mesmo parágrafo].

Citação de obras disponíveis na Internet

Se houver nome de autor e data do artigo, utilizar as orientações apresentadas até o momento. Se não houver data da publicação, mencione o autor e a seguir, entre parênteses, 's.d.`.

"Gorla e Araújo (s.d.)..."

"... muitos links interessantes. (Endereços interessantes, s.d.)."

V. Exemplos de tipos comuns de referência

1. Relatório técnico.

Birney, A.J. & Hall, M.M. (1981). Early identification of children with written language disabilities (relatório n. 81-1502). Washington, DC: National Education Association.

2. Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado.

Haidt, J., Dias, M.G. & Koller, S. (1991, fevereiro). Disgust, disrespect and culture: Moral judgement of victimless violations in the USA and Brazil. Trabalho apresentado em Reunião Anual (Annual Meeting) da Society for Cross-Cultural Research, Isla Verde, Puerto Rico.

3. Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação seriada regular.

Tratar como publicação em periódico, acrescentando logo após o título a indicação de que se trata de resumo. Silva, A.A. & Engelmann, A. (1988). Teste de eficácia de um curso para melhorar a capacidade de julgamentos corretos de expressões faciais de emoções [Resumo]. *Ciência e Cultura*. 40 (7, Suplemento), 927.

4. Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação especial.

Tratar como publicação em livro, informando sobre o evento de acordo com as informações disponíveis em capa. Mauerberg-deCastro, E. & Moraes, R. (1962). Psicofísica do esforço: Impacto no Esporte [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas*. XXII Reunião Anual de Psicologia (p.666). Ribeirão Preto: SBP.

5. Teses ou dissertações não publicadas.

Castro, L. (1889). A família atleta: interação entre competência e competição. Estudo de caso. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Carlos.

6. Livros.
Sherrill, C. (1983). Educação Física Adaptada. Rio de Janeiro: Zahar.

7. Capítulo de livro.
Block, S.S. & Borg, P. (1677). Early psychophysics. In: A.T. Moore & J.E. Stadium (Eds.), Handbook of human behavior (pp.500-550). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
Hoffman, L.W. (1979). Experiência da primeira infância e realizações femininas. Em: H. Bee (Ed.), Psicologia do desenvolvimento: questões sociais (pp.45-65). Rio de Janeiro: Interamericana.

8. Livro traduzido, em língua portuguesa.
Magill, C.C. (1900). Aprendizagem motora. (E.J. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1800)
Se a tradução em língua portuguesa de um trabalho em outra língua é usada como fonte, citar a tradução em português e indicar ano de publicação do trabalho original.
No texto, citar o ano da publicação original e o ano da tradução: (Magill, 1800/1900).

9. Artigo em periódico científico.
Moore, J. M., Thompson, G. & Thompson, M. (1975). Auditory localization of infants as a function of reinforcement conditions. Journal of Speech and Hearing Disorders. 40, 29-34.
Informar número, em parênteses e em seguida o volume, apenas quando a paginação reinicia a cada número (e não a cada volume, como a regra geral).
Affonso, D. M. (1887). Sobre o surgimento do voleibol radical. Educação. 3 (3), 1-19.

10. Obras antigas com reedição em data muito posterior Cabral, P.A. (1946). Tratado sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Colombo (Originalmente publicado em 1500).

11. Obra no prelo.
Não forneça ano, volume ou número de páginas até que o artigo esteja publicado. Respeitada a ordem de nomes, é a última referência do autor.
Moraes, R. M., Mauerberg-deCastro, E. & Schuller, J. (no prelo).
Nada sobre nada em esporte. Motriz.

12. Autoria institucional.
American Psychiatric Association (1988). DSM-III-R.- Diagnostic and statistical manual of mental disorder (3 ed. revisada). Washington, DC: Autor.

13. Obras publicadas na Internet
Sobrenome do autor, primeira inicial. (data da publicação ou "sem data" se não disponível). Título do artigo ou seção utilizada [Número de parágrafos]. Título do trabalho completo. [Forma, tal como HTTP, CD-ROM, E-MAIL]. Disponível em: URL completo [data de acesso].

Anjos, M. (2002). Dicionário de bioética. Revista Bioética, v.10, n.1. Atualidades. [http]. Disponível em: <http://www.cfm.org.br/revista/bio10v1.htm> [19 de julho de 2004]
Gorla, J. & Araújo, P. (s.d.). Avaliação em educação física adaptada. [HTTP]. Disponível em: http://www.sobama.org.br,revista_virtual. [19 de julho de 2004].
Hara, N. & Kling, R. (2001). Students' Distress with a Web-based Distance Education Course. Indiana University, Bloomington, Center for Social Informatics (SLIS). [http]. Available at: <http://www.slis.indiana.edu/CSI/wp00-01.html>. [March 30, 2002]
Endereços interessantes (s.d.). [HTTP]. Disponível em: <http://www.sobama.org.br, links>. [27 de setembro de 2003]

Exemplo típico:
Distance Education and Technology (1999). Tools for online learning. [HTTP]. Available at: <http://demo.cstudies.ubc.ca/>
Fox Valley Technical College. [HTTP]. Available at:

<http://its.foxvalley.tec.wi.us/techround/lrnresourc.htm>

Hara, N. & Kling, R. (March 30, 2000). Students' Distress with a Web-based Distance Education Course. Indiana University, Bloomington, Department of Instructional Systems Technology (IST). [HTTP]. Available at: <http://www.slis.indiana.edu/CSI/wp00-01.html>

Citação no texto:
A chamada "limpeza étnica" não está especificamente associada com conflitos armados, mas pode ocorrer em países onde a política está em crise (Bruce, 1996).

Outros exemplos:
Gilberti, A. (2000, February). ITE 679. Online Lessons for ITE 679, Lesson 2. [E-mail]. Available: <http://isu.indstate.edu/gilberti/ite679folder/gettingstartedite679.htm> [2000, Feb. 3]

VI. Direitos autorais

Artigos publicados na revista da Sobama

Os direitos autorais dos artigos publicados pertencem à revista da Sobama. A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, está condicionada à autorização escrita do editor da revista da Sobama. Pessoas interessadas em reproduzir parcialmente os artigos desta revista (partes do texto que excederem 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão escrita do(s) autor(es). O autor principal de cada artigo receberá uma revista contendo o seu artigo.

Reprodução parcial de outras publicações

Manuscritos submetidos que contiverem partes de texto extraídas de outras publicações deverão obedecer aos limites especificados para garantir originalidade do trabalho submetido. Recomenda-se evitar

a reprodução de figuras, tabelas e desenhos extraídos de outras publicações.

O manuscrito que contiver reprodução de uma ou mais figuras, tabelas e desenhos extraídos de outras publicações só será encaminhado para análise se vier acompanhado de permissão escrita do detentor do direito autoral do trabalho original para a reprodução especificada na revista da Sobama. A permissão deve ser endereçada ao autor do trabalho submetido. Em nenhuma circunstância a revista da Sobama e os autores dos trabalhos publicados nesta revista repassarão direitos assim obtidos.

Mitos sobre direitos autorais na internet

A seguir são apresentadas algumas considerações feitas com base no trabalho de Templeton, B. (no date), cuja referência é: Templeton, B. (no date). 10 Big Myths about copyright explained. [URL]. Available: <http://www.templetons.com/brad/copymyths.html> [2000, May 11]

- "Se não tem um aviso sobre direitos autorais (ou *copyright*, em inglês) não está protegido." Era verdade no passado, mas hoje a maioria das nações segue a convenção de Berne copyright. Nos EUA quase tudo criado em caráter privado após 1 de Abril de 1989 está protegido por lei tenha ou não aviso sobre direitos autorais. Isto inclui figuras. "Scanear" figura da internet é ilegal a menos que esteja explicitamente anunciado "domínio público" ou "sem reservas autorais" ou "pode copiar à vontade."

- "Se eu não usar com fins lucrativos ou usar com finalidades acadêmicas ou educacionais, não é crime" Errado. Fatos e idéias não podem se limitados nos direitos autorais, mas sua expressão escrita e estrutura podem. Você sempre pode escrever sobre fatos com suas próprias palavras.

- "Se eu criar minha própria história baseada em outro trabalho, meu novo trabalho me pertence."

Errado. Leis de direitos autorais são bem explícitas quanto aos "trabalhos derivativos" –Você precisa de permissão autoral.

- "Se eu não causar danos a ninguém, tudo bem-na verdade é até propaganda de graça."

Errado. É decisão do autor se ele quer ou não propaganda de graça.

Para obter mais informações visite:

<http://www.templateons.com/brad/copymyths.html>

<http://www.tjc.com/copyright>

<http://lcweb.loc.gov/copyright/>

http://www.austlii.edu.au/au/legis/cth/consol_act/ca1968133/index.html

[html](#)

<http://cipo.gc.ca/>

<http://www.benedict.com/>

<http://www.eff.org/pub/CAF/law/ip-primer>

No

Brasil:

<http://www.persocom.com.br/brasil/plagio1.htm>

VII. Endereço para Encaminhamento

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Verena J. Pedrinelli (Editora-chefe)

Rua General Almério de Moura, 700

CEP: 05690-080 - São Paulo - SP

E-mail: vpedrinelli@uol.com.br

Comunicações rápidas podem também ser feitas através do endereço eletrônico:

E-mail: sobama@rc.unesp.br